

O Curso de linguística geral e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev

Núbia Rabelo Bakker Faria^a

Dayanne Teixeira Lima^b

Resumo

Este trabalho, de natureza bibliográfica, tem o objetivo de discutir os efeitos da publicação do Curso de linguística geral (CLG), em 1916, notadamente da noção saussuriana de “valor linguístico”, sobre a teorização do linguista dinamarquês Louis Trølle Hjelmslev (1937, 1943, 1948, 1954). O ponto de partida desse retorno à teorização hjelmsleviana é a discussão acerca da concepção de representação da oralidade pela escrita. Hjelmslev, ao radicalizar a afirmação saussuriana de que a língua é uma forma e não uma substância, defende a inexistência de uma substância primeira/natural, argumento que contraria a ideia de que o som é o “liame natural” da língua e que, como consequência, problematiza a concepção elementar de representação do oral pelo escrito. Concluimos, com base na discussão empreendida, que Hjelmslev não é um tradutor das ideias saussurianas, mas fez do CLG uma leitura legítima e inovadora.

Palavras-chave: CLG. Saussure. Hjelmslev. Representação. Escrita.

Recebido em 31 de agosto de 2017

Aceito em 26 de dezembro de 2017

^a Professora na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas; E-mail: nrbfaria@uol.com.br.

^b Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista CNPq; E-mail: dayannetlima@gmail.com.

Considerações iniciais

Desde a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, cuja autoria é dada a Ferdinand de Saussure, a ciência linguística sofreu profundas transformações teóricas e metodológicas, sobretudo a partir da noção de valor linguístico, decisiva para a fixação do conceito saussuriano de língua. O presente trabalho, de natureza bibliográfica, tem o objetivo de discutir os efeitos da publicação do *CLG*¹ sobre a teorização particular do linguista dinamarquês Louis Trølle Hjelmslev (1937, 1943, 1948, 1954), especificamente no que tange ao lugar da escrita na reflexão linguística.

Hjelmslev, embora seja um autor referência para a Semiótica (sobretudo a fundada por A. J. Greimas na década de 60), é, ainda, “um autor pouco lido e muito criticado nos dias de hoje” em função de alguns estereótipos que se perpetuaram no tempo: “é excessivamente formalista, desdenha a História, é cego para as determinações culturais que incidem sobre a linguagem, nega a dimensão do sujeito, e assim por diante”, como destaca Fiorin (2003, p. 20).

O retorno à teorização do linguista dinamarquês que propomos é orientado não pela figura do Hjelmslev-semiótico, mas, antes, pelo Hjelmslev-leitor do *CLG* e inovador de algumas das ideias saussurianas lá veiculadas. O ponto de partida dessa releitura, que não é apenas de um autor, de uma obra ou de conceitos, mas especialmente de um momento em que as bases da linguística do século XX foram formuladas, é problematizar uma questão ainda atual: a da natureza da relação entre oralidade e escrita, comumente pensada como sendo meramente uma relação de representação.

Destacamos, ainda, que lançar mão do *CLG* implica considerar, pelo menos, duas questões. A primeira diz respeito à particularidade de sua publicação. A segunda, consequência da primeira, refere-se à discussão calorosa sobre sua autenticidade. A publicação dos manuscritos de Saussure, dos anos 50 até mais recentemente (final dos anos 90), tem movimentado diversas pesquisas sobre a fidelidade ou infidelidade dos editores na difícil tarefa de restituir um pensamento tão complexo, disperso e inacabado.

Assim, diante da polêmica que envolve a discussão sobre o “verdadeiro” e o “falso” Saussure, na seção 1, partiremos

¹ Optamos por adotar a sigla *CLG* sempre que nos referirmos ao *Curso de Linguística Geral* (2006 [1916]) e, também, às citações retiradas dele.

daquilo que Normand (2011) sugere no texto *Saussure: uma epistemologia da linguística*: é preciso, antes de tudo, fazer “uma escolha de leitura” (NORMAND, 2011, p. 11).

A concepção de representação da oralidade pela escrita, mencionada acima, concebe a letra como a representante direta da fala e baseia-se no argumento da anterioridade do oral em relação ao escrito. Tal ideia está presente no *CLG*, mais especificamente no capítulo VI da Introdução, “Representação da língua pela escrita”, onde Saussure afirma categoricamente que língua e escrita são sistemas de signos distintos e que “[...] a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (*CLG*, p. 34). Desta forma, é legítimo concluir que o genebrino exclui a escrita da Linguística, relegando-a a um compartimento acessório desta (*CLG*, p. 41).

No entanto, no capítulo IV da Segunda Parte, “O valor linguístico”, parece haver um deslocamento do lugar subalterno ocupado pela escrita frente à língua, uma vez que, agora, o “sistema da escrita” é comparado ao sistema de signos linguísticos para explicar o valor em seu aspecto material: “Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como termo de comparação para esclarecer toda a questão” (*CLG*, p. 138), afirma Saussure. Nessa perspectiva, de excluída, a escrita passa a ser um meio de “esclarecer” a novidade saussuriana no *CLG*.

Ora, como compreender essa aparente contradição em Saussure, que submete a escrita ora ao encargo de apenas representar a língua (naturalmente falada e, portanto, de tradição oral), ora ao funcionamento desta, inscrito no valor linguístico? Em sua *Gramatologia*, Derrida (2013) associa a exclusão da escrita presente no *CLG* como resultado da filiação de Saussure a uma tradição filosófica que concebe o som como o “significante natural”. A escrita seria, nessa perspectiva, o significante do significante, ou seja, o exterior: “Saussure retoma a definição tradicional da escritura que já em Platão e em Aristóteles se estreitava ao redor do modelo da escritura fonética e da linguagem de palavras” (DERRIDA, 2013, p. 37).

Sem nos aprofundarmos na reflexão original de Derrida acerca da aparente contradição saussuriana, interessa-nos mais, neste trabalho, explorar o modo como essa divergência quanto ao tratamento da escrita, presente no *CLG*, surtiu efeitos distintos no *Estruturalismo* europeu, do qual Hjelmslev fez

parte de um modo muito particular. Ao radicalizar a afirmação saussuriana “[...] a língua é uma forma e não uma substância” (CLG, p. 141, grifo do autor), numa direção diametralmente oposta ao também estruturalista Roman Jakobson (1939, 1957), por exemplo, o linguista dinamarquês defende a inexistência de uma substância primeira/natural, argumento que contraria a ideia de que o som é o “liame natural” da língua e, como consequência, problematiza a noção de representação. Este será o assunto a ser discutido na seção 2.

Na seção 3, por fim, teceremos algumas considerações finais acerca da complementaridade das fontes saussurianas e, em consequência disso, da leitura legítima e inovadora que Hjelmslev fez do CLG.

CLG: “uma escolha de leitura”

A publicação do *Curso de Linguística Geral* em 1916 é tradicionalmente considerada um marco para a linguística do século XX. Por estabelecer, conforme reitera Normand (2011, p. 22), uma “ruptura epistemológica” ao apresentar um novo olhar para o fenômeno linguístico, o CLG, se não é, deveria ser uma leitura obrigatória não só para os estudantes do curso de Letras, mas para pesquisadores de áreas em que, de alguma maneira, a linguagem seja um ponto de reflexão.

Porém, como é demasiadamente sabido, o livro que deu a Saussure o título de “pai da linguística moderna” não foi escrito por ele, mas é resultado de uma “assimilação e reconstituição” que seus editores, Bally, Sechehaye, com a colaboração de Riedlinger, fizeram a partir de poucas notas pessoais do próprio mestre genebrino e de anotações de alguns dos alunos que estiveram presentes nos cursos ministrados por Saussure, em Genebra, nos anos 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911. O problema desse empreendimento foi muito bem colocado por Salum, no prefácio da tardia edição brasileira do *Cours* (1969).

[...] hoje não se pode deixar de reconhecer que o *Cours* levanta uma série interminável de problemas. Porque, no que toca a eles, Saussure – como Sócrates e Jesus – é recebido de ‘segunda mão’. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filósofo para entendê-lo, e o segundo, filósofo demais para não ir além dele ambos distorcendo-o. Jesus nada escreveu senão na areia: seus ensinamentos são os que nos transmitiram os

seus discípulos, alguns dos quais não foram testemunhas oculares. (SALUM, 2006, p. XVI)

Eis o problema: confiar ou não nos editores do Curso? A autenticidade do livro é, então, questionada. Várias críticas ao CLG foram construídas, sobretudo quando novas fontes manuscritas foram descobertas, no sentido de encontrar o “verdadeiro” Saussure. No prefácio de *Saussure*, Normand (2009) assim descreve esse momento de cisma pela obra póstuma:

Alguns chegam a acusar os editores de ter deliberadamente deformado, travestido, ou mesmo censurado o pensamento saussuriano. O texto do *Curso*, em sua continuidade e sua coerência reconstruídas, encontra-se assim sob suspeita, até mesmo despojado de qualquer valor, substituído enganador oposto ao pensamento autêntico que teria um texto ideal [...]. (NORMAND, 2009, p. 21)

No entanto, a autora destaca que, ao mesmo tempo em que o trabalho filológico foi realizado (as fontes manuscritas editadas por Godel estavam disponíveis desde 1957), o CLG continuou sendo lido e citado nas pesquisas estruturalistas, “[...] sem se colocar a questão acerca da autenticidade do pensamento assim atribuído a Saussure” (NORMAND, 2009, p. 21).

No texto *A filologia saussuriana: debates contemporâneos*, Cruz (2009) discute o fato de a recepção do *Cours* pelos contemporâneos de Saussure não ter suscitado discussões em torno da autenticidade da obra de imediato. Segundo ele, essa discussão

[...] só começará a ser questionada na ocasião de um intenso e complicado debate em torno do arbitrário do signo que se desencadeia em 1937, com a publicação no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique* do artigo de Edouard Pichon (apud ARRIVÉ, 1991, p. 43) intitulado ‘La linguistique en France: problèmes et méthodes’. (CRUZ, 2009, p. 115)

Cabe destacar, ainda, a distinção que o autor faz entre duas orientações: a orientação filológica, representada, por exemplo, por Bouquet, cujo objetivo é reconstituir o pensamento de Saussure; e a orientação histórica, representada por Normand, Chiss e Puech, que, para o autor, busca “[...] investigar os modos de apropriação do Curso, considerado antes de tudo como um *objeto histórico*” (CRUZ, 2009, p. 110, grifo nosso).

O reconhecimento do lugar do *Cours* como um objeto histórico atende, segundo Silveira, a uma necessidade do final do século XX:

Trata-se de um novo momento em que o estatuto do *CLG* demanda uma posição do seu leitor e não só dos linguistas, porque nenhuma área que queira se valer das elaborações de Saussure poderá ir adiante sem se posicionar a partir do momento em que houve a exposição dessa fratura no *CLG* que, definitivamente, coloca uma hiância entre a edição e Saussure. (SILVEIRA, 2007, p. 37)

Eis, portanto, a necessária “escolha de leitura” aludida por Normand: é preciso posicionar-se diante das duas posturas (filológica ou histórica) que podem ser adotadas ao trabalharmos com o *CLG* e com as demais fontes saussurianas².

Num texto mais recente, Normand (2011) propõe uma sistematização do pensamento saussuriano e uma reflexão atual sobre os impactos dessa teorização na Linguística. Diante da polêmica em torno do *CLG*, a autora posiciona-se a favor da obra em função de sua “herança histórica”. Ao mencionar a variedade dos *corpora* saussurianos e os estudos críticos de R. Godel, R. Engler, T. de Mauro, entre outros, que daí brotaram, a autora defende:

Esses rascunhos, desconhecidos dos editores do *Curso* de 1916, tornam a leitura deste livro, ao mesmo tempo, mais rica, mais complexa e, também, mais inquietante – diante das constantes hesitações, até mesmo dos tormentos que lá estão manifestos –, porém *eles não a invalidam*. Era, pelo menos, a opinião que Engler opunha àqueles que somente querem ver no *Curso* algo ‘falso’. Seguirei aqui a posição, particularmente autorizada, do editor da edição crítica. (NORMAND, 2011, p. 12, grifo nosso)

Nessa perspectiva, o *CLG* e os manuscritos divulgados posteriormente configuram-se como uma fonte riquíssima de estudos para aqueles que se debruçam sobre as ideias saussurianas. É possível, então, uma complementaridade entre as fontes, ou seja, como defende Normand, uma leitura não invalida a outra.

Assim, sem desconsiderar as dificuldades na leitura da obra póstuma, Normand parte do pressuposto de que é possível ler Saussure na edição de 1916. Na mesma direção, Silveira complementa: “[...] as leituras que dele [do *CLG*] se fizeram e os

² Fiorin et al. (2013) destacam a complexidade de se trabalhar com o pensamento saussuriano hoje, tendo em vista a diversidade de fontes: o próprio *CLG*, os manuscritos (dos alunos), os manuscritos saussurianos, os anagramas, as edições críticas do *Cours*, etc. O critério sugerido pelos autores para a seleção do *corpus* é a distinção entre *corpus saussuriano* e *corpus de pesquisa*: este seria o recorte que o pesquisador faria com base em seus objetivos de pesquisa; aquele seria o conjunto heterogêneo de fontes saussurianas que integram a “arena da polêmica” (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013, p. 17).

efeitos inovadores que tiveram sobre a linguística e outras disciplinas assim o atestam” (SILVEIRA, 2007, p. 40). Desses efeitos inovadores, não poderíamos deixar de mencionar a teorização de Hjelmslev, objeto de reflexão deste trabalho.

Mais interessante, ainda, é destacarmos o fato de a leitura do *Cours*, tal como foi editado e publicado pelos editores, ter trazido consequências tão distintas para o campo, se considerarmos, por exemplo, as duas escolas circunscritas no Estruturalismo europeu, a saber, a Escola de Praga e a Escola de Copenhague, conforme discutiremos na próxima seção.

É de supormos que ideias tão profícuas, como as que foram veiculadas no/pelo CLG, não passariam ilesas, sem esbarrarem com a “severa” crítica de seus leitores, sobretudo daqueles que reliam o *Cours*, amparados pelos manuscritos, mais em busca do “verdadeiro” Saussure do que das “novidades” que ele apresentava. Contrariamente a essa tendência, insistamos, Normand posiciona-se:

Não se trata evidentemente de ignorar os trabalhos filológicos, mas de deixar a eles um papel de complemento e correção eventual, recusando que eles funcionem como uma tela para uma primeira reflexão sobre o Curso enquanto texto, texto este que é único a ser facilmente legível de maneira linear, para se ler como tantos outros fizeram para seu maior proveito. (NORMAND, apud SILVEIRA, 2007, p. 37)

Portanto, não descartamos nem desqualificamos as polêmicas em torno do CLG (obra de “segunda mão”, “texto apócrifo” etc.), uma vez que elas enriquecem e dão fôlego às discussões em torno de Saussure. Mas, diante delas, assim como das possíveis alternativas para enfrentá-las, resta-nos assumir uma “escolha de leitura”: assumimos com Normand a legitimidade do Saussure reconstituído e exposto no *Cours* por seus editores e lançamos mão das fontes manuscritas disponíveis sempre que julgamos necessária a complementação da leitura do CLG.

Ademais, a leitura que Hjelmslev fez de Saussure, via CLG, e as consequências teóricas que daí tirou para sua reflexão sobre a linguagem, como veremos, justificam a legitimidade da versão de 1916. Arrivé (1994) afirma, por exemplo, que, por razões cronológicas evidentes, Hjelmslev só conhecia, além do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, “a edição standard do CLG” (p. 22).

Destacamos, por fim, o fato de a leitura do CLG feita por Hjelmslev não ter sido influenciada por uma postura de julgamento contra os editores, tampouco pela busca de um “verdadeiro” Saussure. O ponto de partida das inovações teóricas apresentadas pelo linguista dinamarquês foi o “Saussure texto”³ representado no CLG, e não o “Saussure autor”, para usar os termos propostos por Trabant (2005), num texto curiosamente intitulado *Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne*.

Inovação é, para nós, um termo que caracteriza bem a leitura hjelmsleviana do CLG, de modo que julgá-la como correta ou incorreta é, também, incorrer em um equívoco. Os desdobramentos teóricos dessa leitura (assim como da leitura que dele fizeram os praguenses) não correspondem necessariamente às ideias saussurianas, embora delas partam. A esse respeito, afirma Trabant no texto mencionado:

Avoir construit un structuralisme sévère, un formalisme radical, une sémiologie linguistique sur la base du *Cours*, par exemple, n'a pas été une erreur de Hjelmslev. Sur la base du *Cours*, la lecture hjelmslevienne est complètement légitime. Hjelmslev n'a jamais affirmé que ce qu'il disait était la dernière volonté ou l'intention essentielle du vrai Saussure, citoyen de Genève, mais il a interprété et radicalisé ce qu'il trouvait dans le *Cours*. (TRABANT, 2005, p. 120)

Portanto, não é nossa intenção mensurar o quanto os conceitos saussurianos, tais como os de “forma” e “substância”, por exemplo, condizem ou não com aquilo que se apresenta no CLG e nas demais fontes saussurianas e, muito menos, com aquilo que Saussure “verdadeiramente queria dizer”. Nossa proposta é compreender, minimamente, como esses conceitos, fixados e veiculados no *Cours*, foram reformulados ou ressignificados por Hjelmslev especificamente no tratamento dado pelo autor ao lugar da escrita na reflexão linguística.

A leitura de Hjelmslev

A relação entre a proposta teórica de Hjelmslev e as ideias saussurianas é notadamente reconhecida por diversos teóricos: Ducrot (1972, p. 31) afirma que a Glossemática é “a explicitação das intuições profundas de Saussure”; para Arrivé (1994, p. 22), “Hjelmslev manifesta explicitamente o seu estatuto

³ A respeito do CLG, Trabant (2005, p. 114) defende: “Saussure est un texte. Radicalement. Ce texte est doublement orphelin, il n'a ni père ni beaux-pères. Ceci n'empêche pas, d'un autre côté, qu'il y ait un auteur qui s'appelle Saussure, qui a écrit des livres, des articles et qui a laissé des manuscrits. Mais c'est tout de même un écrivain lointain de ce texte qu'on a écrit en son nom”.

de continuador de Saussure”; Robins (1983, p. 163) entende a Glossemática como “um desenvolvimento extremado de certos princípios saussurianos”; já Cañizal e Lopes (2013, p. X), autores do prefácio à edição brasileira dos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, concebem a teoria glossemática como “[...] uma reformulação coerentizadora das principais dicotomias da teoria linguística elaborada por Saussure”.

Conforme já ressaltamos acima, de nossa parte, não se trata de buscar, em Hjelmslev, a continuação ou mesmo os ajustes das ideias saussurianas. O próprio autor chama atenção para o fato de que “[...] a teoria da glossemática não deve ser identificada com a teoria de Saussure” (HJELMSLEV, 1991 [1948]⁴, p. 42). Porém, não deixa de ser significativo constatar, em diferentes autores e de diferentes maneiras, o reconhecimento da relação entre Saussure e Hjelmslev, pois tal constatação nos coloca diante de uma questão a ser discutida.

Cumprе assinalar, inicialmente, a tradição linguística dinamarquesa na qual Hjelmslev estava inserido. Em sua aula inaugural ao ensejo da nomeação para a cadeira de linguística da Universidade de Copenhague, em 1937, o autor afirma que os linguistas dinamarqueses possuem

[...] na base de suas qualificações pessoais, um ponto de vista independente, uma abordagem especial e por vezes métodos também especiais. Da mesma maneira, *não se poderia apontar um só linguista dinamarquês que tenha aceitado cegamente uma escola estrangeira e adotado sem críticas as suas doutrinas.* (HJELMSLEV, 1991 [1937], p. 19, grifo nosso)

Nesse quadro de linguistas eminentes, Hjelmslev destaca o nome de Rask que, segundo ele, foi o primeiro linguista da Dinamarca a alcançar reputação internacional, já que é considerado, ao lado de Grimm e de Bopp, um dos fundadores da linguística histórica científica. Rask, por exemplo, desenvolve em 1810 um trabalho independente de análise comparativa entre o gótico, o grego e o latim. Nas palavras de Morpurgo Davies:

The whole book is, as was stated, a first attempt at an Indo-European comparative grammar, with the disadvantage that the Eastern languages are not considered. However, it does show clearly that advance in this direction was possible even without Sanskrit. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 126)

⁴Optamos por indicar, sempre que julgarmos pertinente, o ano de publicação do texto original entre colchetes ao lado do ano de publicação da obra consultada.

Para Hjelmslev, Rask representa bem o espírito independente que caracteriza os teóricos dinamarqueses. Herdeiro, portanto, de uma tradição cujo ato de inovar o campo do saber linguístico foi uma constante, Hjelmslev fez das ideias de Saussure uma leitura particular.

Para abordarmos a reflexão hjelmsleviana, partiremos de duas obras do autor: *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (2013 [1943]) e *Ensaio linguísticos* (1991 [1959]), particularmente, nesta última, três textos publicados originalmente em 1937, 1948 e 1957. A primeira obra apresenta os resultados de mais de dez anos de pesquisa e dá corpo à teoria glossemática; já a segunda reúne quinze artigos (datados de 1937 a 1956), selecionados pelo próprio Hjelmslev e que, segundo ele, refletem a evolução de seu pensamento⁵. Há, portanto, uma complementaridade entre as duas obras hjelmslevianas que não deve ser ignorada.

Façamos, agora, algumas considerações acerca do capítulo “O valor linguístico” do *CLG*, já mencionado neste trabalho. Silveira (2007) afirma, apoiada em Gadet e Pêcheux, ser este um capítulo digno de atenção, pois “[...] ali encontramos o que eles [Gadet e Pêcheux] nomeiam de *a novidade de Saussure na teoria do valor*” (p. 57, grifo da autora). Ademais, é nele que Hjelmslev encontra a célebre frase saussuriana “*a língua é uma forma e não uma substância*” (*CLG*, p. 141) e extrai, a partir dela, o que ele chama de “consequências extremas”. Nas palavras do autor:

De nossa parte, pensamos fazer uma obra útil ao *extrair experimentalmente as consequências extremas da dupla distinção saussuriana* [forma x substância e significante x significado], pois isso permitirá à linguística evidenciar com nitidez as vantagens e as dificuldades comportadas por tal axiomática. (HJELMSLEV, 1991 [1954], p. 48, grifo nosso)

Nessa direção, Ducrot (1972, p.32) parece ter razão ao afirmar que, “[...] se Hjelmslev aprova a intenção que guia a oposição saussuriana entre forma e substância, ele quer ir, nessa distinção, mais longe do que Saussure”.

Nos *Prolegômenos*, Hjelmslev retoma a distinção saussuriana entre “forma” e “substância” e aponta nela o que julga ser um equívoco: afirma que Saussure, de uma maneira bem didática, “[...] aventurou-se a considerar a expressão e o conteúdo⁶, tomados separadamente, sem se ocupar com a função semiótica⁷” (p. 55). O problema dessa formulação, segundo o autor, é que, a partir dela, “[...] nada autoriza

⁵No prefácio aos *Ensaio Linguísticos*, Hjelmslev afirma a respeito da obra: “Um círculo de amigos – colaboradores, colegas, alunos – teve a encantadora gentileza de oferecer-me a publicação de um volume de artigos científicos provenientes de minha pena, editados anteriormente, mas em grande parte difíceis de encontrar [...] A escolha deveria refletir os caracteres e a evolução de meu pensamento em matéria linguística. Espero, por outro lado, possa ela servir ao mesmo tempo para ressaltar uma parte dos problemas fundamentais que ocupam e agitam o campo atual dos linguistas” (HJELMSLEV, 1991, p. 13, grifo nosso).

⁶*Expressão e conteúdo* são os termos utilizados por Hjelmslev para referir-se à ressignificação dos conceitos saussurianos de *significante* e *significado*, respectivamente.

⁷A função semiótica, para Hjelmslev (2013 [1943], p. 54), é a relação de interdependência entre os dois funtivos: expressão e conteúdo; eles, segundo o autor, “[...] são solidários e um pressupõe necessariamente o outro”.

que se faça preceder a língua pela ‘substância do conteúdo’ (pensamento) ou pela ‘substância da expressão’ (cadeia fônica) ou o contrário” (p. 55).

A respeito dessa crítica às noções saussurianas de “forma” e “substância”, Fiorin (2003) esclarece: enquanto, para Saussure, na interpretação hjelmsleviana, “o significado e o significante eram definidos substancialmente [...]” (p. 37), sem que para cada um deles existisse uma forma, para Hjelmslev, ambos apresentam uma forma e uma substância, daí, tem-se, diferentemente de Saussure, “forma e substância da expressão” e “forma e substância do conteúdo”.

Além disso, segundo Hjelmslev, o modo como Saussure distinguiu forma e substância dá margem para o entendimento de que as substâncias da expressão e do conteúdo existem independentemente da forma linguística, ou, ainda, de que elas são anteriores a esta. Por isso, ainda que conserve a terminologia saussuriana, o linguista dinamarquês distingue-se do genebrino ao defender veementemente que “[...] a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 55, grifo nosso).

Se, para Hjelmslev, a substância só existe em função da forma, sobre o que esta opera para que aquela possa existir? Sobre o “sentido”, responde o autor, que o considera fator comum de todas as línguas; ele é “[...] ordenado, formado de modo diferente segundo as diferentes línguas” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 56). Fiorin (2003, p.35) explica o conceito hjelmsleviano de *sentido* da seguinte maneira: “todos os homens são atingidos pelas mesmas sensações, pelas mesmas percepções e pelas mesmas impressões, que constituem uma massa amorfa”. Essa massa amorfa aludida por Fiorin é o próprio *sentido* sem qualquer intervenção da *forma*.

A formação linguística do *sentido*, ou seja, a projeção da forma sobre o sentido que dá origem à substância, é, segundo Hjelmslev, arbitrária, tendo em vista que ela não se baseia no sentido, mas “[...] no próprio princípio da forma e nas possibilidades que decorrem de sua realização” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 80, grifo nosso).

É particularmente a partir da insistência de Hjelmslev na relação arbitrária entre *forma* e *substância* e, conseqüentemente, no “descarte” inicial da substância em função da descrição da

forma que a “substância da expressão oral”, para usarmos os termos hjelmslevianos, parece perder seu status de substância natural e a “substância da expressão escrita” pode ser pensada de outro lugar que não seja o da representação.

Sabe-se que a concepção de língua falada como sendo natural foi amplamente aceita pelos linguistas e, também, em certa medida, por Saussure. Para o genebrino, o “liame natural”, o “único verdadeiro” é o do som (CLG, p. 35). Hjelmslev, porém, ao partir da mesma premissa da linguística tradicional, advertiu-nos a respeito das mudanças que estariam por vir:

Escolheremos partir das premissas da linguística tradicional, e construiremos inicialmente nossa teoria a partir da *língua falada dita natural*, e apenas dela. A partir desta primeira perspectiva, os círculos irão se ampliando até que as últimas consequências sejam extraídas. (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 24, grifos do autor)

O que mais nos interessa aqui, como consequência desse alargamento do campo, é a abertura que Hjelmslev dá para que as várias substâncias que manifestam (ou podem manifestar) a língua, como a gráfica e a gestual (e não apenas a oral), por exemplo, possam ser igualmente consideradas. E mais: entendemos que, no que tange à escrita e em contraste com a reflexão de seus contemporâneos, a teorização hjelmsleviana, sob efeito daquilo que se apresentou como uma “novidade” no CLG, forneceu as condições teóricas para que um novo campo de investigação surgisse.

Derrida faz, nessa direção, um reconhecimento importante acerca da Escola de Copenhague liderada por Hjelmslev. Nas palavras do filósofo:

Indubitavelmente a *Escola de Copenhague libera [...] um campo de pesquisas*: a atenção torna-se disponível não só para a pureza de uma forma desligada de qualquer liame ‘natural’ a uma substância, mas também para tudo o que, na estratificação da linguagem, depende da substância de expressão gráfica. Uma descrição original e rigorosamente delimitada pode assim ser prometida. (DERRIDA, 2013, p. 72, grifo nosso)

Retomaremos, mais adiante, a questão acerca da abertura de um novo campo pelo linguista dinamarquês, no que concerne à reflexão sobre a escrita.

Para Hjelmslev, considerar a oralidade como sendo a substância primeira/natural da língua é uma consequência do

longo império da fonética na linguística; é, ainda, negligenciar o fato de que “[...] a fala é acompanhada pelo gesto e pela mímica, com algumas de suas partes podendo mesmo ser substituídas por estes [...]” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 111). Nesse sentido, a ideia de “pureza” oral é, então, questionada pelo autor.

Outro fato interessante destacado por Hjelmslev é o de que a substância sonoro-gesticulatória e gestual pode ser substituída por outras substâncias, desde que as circunstâncias modificadas se prestem a isso. Assim, “a mesma forma linguística pode manifestar-se por escrito, como acontece na notação fonética ou fonemática e nas ortografias ditas ‘fonéticas’, como a do finlandês” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 111). Aqui, a exclusividade da substância oral é problematizada em função das diversas possibilidades de manifestação de uma mesma forma linguística.

Ao fazer referência à linguagem dos surdos, Hjelmslev vai mais longe ainda: afirma ser possível “[...] uma substância gráfica que se dirige apenas ao olho e que não precisa ser transposta em ‘substância’ sonora a fim de ser percebida ou compreendida” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 111). Agora, a ideia de que a escrita é derivada da oralidade, em função da anterioridade desta em relação àquela e, ainda, de que o acesso ao escrito dá-se, necessariamente, por uma via oral são, também, questionadas pelo linguista dinamarquês.

A despeito da ideia da substância escrita ser derivada da substância oral, Hjelmslev insiste: “[...] o fato de uma substância ser ‘derivada’ de uma outra em nada muda o fato de que se trata de uma manifestação da forma linguística considerada” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 111). Além disso, o autor radicaliza ao assumir, com Russell, “[...] a ausência de qualquer critério para decidir qual é o mais antigo meio de expressão do homem, se a escrita ou a fala” (RUSSELL apud HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 111). Isso porque, segundo ele,

“a *invenção*⁸ do alfabeto remonta a pré-história, de modo que sustentar que ele repousa numa análise fonética nunca será mais do que adiantar uma das hipóteses diacrônicas possíveis”. (HJELMSLEV, 2013 [1943] p. 111-112, grifo nosso)

Hjelmslev reúne, assim, vários argumentos contra a ideia de substância primeira/natural, tendo em vista que, para ele, “as grandezas da forma linguística são de natureza ‘algébrica’

⁸ Na versão inglesa dos Prolegômenos, publicada em 1963 e supervisionada pelo próprio Hjelmslev, há uma diferença terminológica interessante: no lugar de *invenção*, há o termo *descoberta*. Embora os limites deste trabalho não nos permita discutir os efeitos significativos dessa troca, cumpre destacar que pensar a escrita como uma *descoberta* é compreendê-la enquanto uma realidade predisposta (não inventada), como uma das possibilidades materiais na qual a língua pode vir a manifestar-se; é colocá-la, pois, lado a lado com as demais substâncias, independentemente de fatores cronológicos.

e não têm denominações naturais, podendo ser designadas arbitrariamente de diferentes maneiras” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 112, grifo nosso). Diante do argumento da precedência histórica da fala sobre a escrita, rebate o autor apelando para o fato de a linguística moderna saber muito bem que “[...] as considerações diacrônicas não são pertinentes para a descrição sincrônica” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 112).

Contrariamente à posição de Hjelmslev, insere-se Roman Jakobson, um dos fundadores e dos participantes mais assíduos da Escola de Praga, ao lado de outros linguistas não menos importantes, como Vilém Mathesius, Nikolai Trubetzkoy, dentre outros. Deixaremos de lado, por ora, a reflexão original do autor sobre o conceito de fonema, uma vez que nosso interesse, aqui, é, particularmente, o de contrastar as concepções de escrita presentes em Jakobson e em Hjelmslev enquanto efeito das leituras que ambos fizeram do *CLG*.

Parece que teorizar sobre o conceito de *fonema* fez com que Jakobson se voltasse para a escrita e, sobre ela, tirasse conclusões opostas àquelas de Hjelmslev, partindo do mesmo capítulo do *CLG*. Num texto de 1939, o autor explica o que julga ser um equívoco de Saussure em relação ao “valor das letras”, fazendo referência ao famoso capítulo IV da Segunda Parte do *CLG*:

Saussure tem toda razão quando vê o fonema como um elemento puramente distintivo. Já não tem razão, porém, quando generaliza essa sua conclusão e ensina que na língua só há distinções e nunca unidades elementares positivas. Ele afirma, por exemplo, que o valor das letras é puramente negativo e diferenciador; o que há unicamente de essencial, segundo ele, é que um signo coexiste com outro; [...]

É certo que a coexistência das letras, no sistema alfabético, é uma condição necessária para o valor de cada letra, mas não se trata apesar disso da condição mais relevante no caso. A letra α tem necessariamente de se diferenciar da letra β , γ etc.: mas o fato essencial é que a letra α designa o fonema /a/ e cada letra de per si funciona como significante e o fonema correspondente como significado. (JAKOBSON, 1967 [1939], p.30, grifo nosso)

Ou seja, para o autor, a letra cumpre tão somente o papel de *significante* do fonema, seu *significado*. Nessa perspectiva, a letra assume uma *positividade* quando se relaciona com o fonema, ou seja, quando ela se desloca do sistema alfabético e passa a designar o próprio fonema, que por sua vez, nos parece,

perde seu caráter “puramente distintivo” nessa relação positiva instaurada pela escrita.

Noutro texto, Jakobson faz uma crítica ao “ponto de vista algébrico”, que defende o “afastamento maior possível entre fonema e som” e cita o nome de Hjelmslev como o “campeão dessa corrente” (JAKOBSON, 1978 [1957], p. 66). Segundo ele, a tentativa de reduzir a língua a suas invariantes últimas “está votada de antemão ao fracasso”, haja vista que:

A comparação de duas sequências inglesas - /ku/ e /uk/ - não será capaz de fornecer qualquer informação sobre a identidade entre o primeiro segmento de uma das séries e o segundo segmento da outra série, se não trouxermos à colação propriedades sônicas comuns ao /k/ inicial e ao final e aos dois /u/ em ambas as posições. (JAKOBSON, 1978 [1957], p. 66)

Embora o ponto de vista algébrico, que tem como pressuposto a oposição entre forma e substância, entenda esta como uma variável em relação à forma, para Jakobson, a substância sonora não é uma “simples variável”. A fala, segundo ele, é um “fenômeno universal”, mas a grafia fonética ou fonêmica “é um código ocasional e acessório que normalmente pressupõe a habilidade dos que o usam [...] *Só depois de dominar a fala é que se pode aprender a ler e escrever*” (JAKOBSON, 1978 [1957], p. 67, grifo nosso).

Aqui, vemos, de um só golpe, a reiteração da concepção de representação da oralidade pela escrita baseada no argumento de anterioridade da primeira em relação à segunda. Tal representação, segundo Jakobson, dá-se, ainda, de maneira problemática em função das dessemelhanças entre letras e fonemas: “as letras nunca, ou só parcialmente, reproduzem os diferentes traços distintivos em que se baseia a estruturação fonêmica” (JAKOBSON, 1978 [1957], p. 67).

Em se tratando especificamente da herança saussuriana quanto à concepção de escrita, podemos afirmar que Jakobson se fixou na ideia de *representação* (cf. Capítulo VI da Introdução do *CLG*), ou seja, na ideia de escrita enquanto representação da língua naturalmente falada. Chiss e Puech (1983) constataam este fato: “*C’est cette argumentation saussurienne que R. Jakobson poursuit en radicalisant tout à la fois la spécificité de la langue comme langue des phonèmes et la secondante représentative de l’écriture*” (p. 17).

Hjelmslev, por sua vez, conforme pontuou o próprio Jakobson, defende uma Fonologia totalmente desvinculada dos sons, partindo da premissa de que a língua é uma *forma* (cf. Capítulo IV da Segunda Parte do *CLG*). Sendo assim, a seleção da substância é sempre arbitrária, daí a possibilidade de várias substâncias manifestarem uma mesma forma linguística. Nessa perspectiva, a letra não é o “significante do fonema”, mas figura como uma possibilidade material de manifestação das invariantes linguísticas.

Ao fazer uma crítica à Escola de Praga, Hjelmslev afirma que há um desacordo entre a fonologia de Saussure e a que foi desenvolvida em Praga, causado, sobretudo, pelo fato de que, no *CLG*, “o termo *langue* possui mais de um sentido” (HJELMSLEV, 1991 [1948], p. 41). Segundo o dinamarquês, o que os praguenses aceitavam do *Cours*

[...] eram principalmente as partes da obra de Saussure onde a *langue* não estava identificada com a forma pura, sendo a língua concebida antes como uma forma no interior da substância, e não independente da substância. (HJELMSLEV, 1991 [1948], p. 41, grifo nosso)

Para nós, isso justifica, em parte, o apelo de Jakobson à presença do som ao lado do fonema, como vimos nos últimos parágrafos. Chiss e Puech fazem um comentário semelhante ao de Hjelmslev. Para eles, o fonologismo de Jakobson é entendido “non pas comme une version théorisée de « la primauté de l’oral » mais comme l’impossibilité de penser la *spécificité* de la langue sans référence à la substance phonique [...]” (CHISS; PUECH, 1983, p. 17, grifo dos autores).

Vale destacar novamente a constatação de que, embora Hjelmslev e Jakobson tenham partido do *CLG*, mais especificamente do capítulo sobre o “valor linguístico”, as consequências teóricas que daí tiraram, sobretudo em relação à escrita, são diametralmente distintas. Desse modo, embora ambos estejam situados numa “herança saussuriana”, as leituras que fizeram do *CLG* os levaram a caminhos opostos: de um lado, o “Fonologismo” de Jakobson, do outro, o “Algebrismo”⁹ de Hjelmslev, como definem Chiss e Puech (1983).

Sem avançarmos muito nos diferentes destinos a que levaram as leituras do *CLG* realizadas por Jakobson e Hjelmslev, no que se refere, especificamente, à concepção de escrita, e em

⁹Esse termo foi diversas vezes associado ao nome de Hjelmslev, inclusive pelo próprio Jakobson, em função do teor algébrico de sua teoria.

razão dos limites deste trabalho, concluímos, por ora, que essa divergência deve-se, dentre outras razões, ao fato de que cada um deles se apoiou numa das duas concepções veiculadas no *Cours*: Jakobson partiu da concepção de escrita enquanto representação da *língua*, identificada naturalmente como *língua falada*; Hjelmslev, por sua vez, radicalizou a concepção de *língua* enquanto *forma*, o que, conseqüentemente, o fez conceber tanto a oralidade quanto a escrita como substâncias igualmente possíveis de manifestar a língua, fato que, conseqüentemente, problematiza a ideia de representação do oral pelo escrito.

Enquanto Jakobson, em sua refutação às colocações de Saussure e ao “ponto de vista algébrico” a respeito da letra, reproduz a ideia já bem aceita de uma escrita secundária em relação à tradição oral das línguas, Hjelmslev inaugura uma maneira de concebê-la, ao libertá-la de sua condição inferior em relação à oralidade.

Por fim, retomemos, ainda que rapidamente, a questão, mencionada anteriormente, da abertura de um novo campo de investigação sobre a escrita como desdobramento da teorização hjelmsleviana. Depois de contrastarmos as colocações de Hjelmslev e Jakobson no que se refere à reflexão sobre a escrita, ambos leitores do *CLG* e circunscritos num momento em que as ideias saussurianas despertavam diferentes olhares sobre o fenômeno linguístico, cumpre justificarmos porque, para nós, a leitura do linguista dinamarquês nos parece mais produtiva teoricamente.

Em primeiro lugar, foi Hjelmslev quem, a nosso ver, soube colher as “descobertas saussurianas” veiculadas no *CLG*, tais como a noção de *valor linguístico* e, como consequência desta, o deslocamento da escrita do lugar subalterno em relação à oralidade. Abre-se com isso uma via alternativa à *noção de representação* para o tratamento da escrita, razão pela qual Derrida deu destaque à escola liderada por Hjelmslev.

Em segundo lugar, porque pensar a escrita como uma possível manifestação da língua, ao lado (e não abaixo) da oralidade, tal como fez Hjelmslev, nos permite abordar questões interessantes que, apenas sob a perspectiva da representação, não podem ser discutidas, como o fenômeno do deslizamento entre as substâncias sonora e gráfica.

A esse respeito, Saussure, ao defender categoricamente que o que fixa a pronúncia de uma palavra é a sua história

(diacronia) e não sua ortografia, é forçado a reconhecer o efeito da tirania da letra sobre a pronúncia, citando dois casos do francês: *gageure* e *Lefèvre*. Depois de descrever a história de cada um, conclui, em tom de reprovação, que: a) para o primeiro, “*gažür* é a única pronúncia justificada; *gažör* é uma pronúncia devida unicamente ao *equivoco da escrita*”; b) para o segundo, “[g]raças à confusão de *v* e *u* na escrita antiga, *Lefèvre* foi lida *Lefébure*, com um *b* que jamais existiu realmente na palavra e um *u* proveniente de um *equivoco*. [...] atualmente esta forma é de fato pronunciada” (CLG, p. 41). Parece, pois, possível concluir que, havendo escrita, real ou potencial, a oralidade deixa de ser ágrafa, pois as duas substâncias estão disponíveis para serem selecionadas pela língua fazendo-a modificar-se.

Se a escrita é capaz de fixar a pronúncia, em outras palavras, ter consequências sincrônicas, é preciso supor, como propõe Hjelmslev, que oralidade e escrita concorrem igualmente para manifestar a língua, podendo ser intercambiáveis. Em suma, como desdobramento do algebrismo hjelmsleviano, tanto a concepção de representação do oral pelo escrito é problematizada quanto os linguistas são desafiados a conceberem a estrutura linguística fora de qualquer “liame natural”.

Considerações finais

Para concluirmos, embora este trabalho não esgote todos os efeitos do CLG sobre a teorização hjelmsleviana, chamamos a atenção para dois pontos: o da complementaridade das fontes saussurianas e, em decorrência disso, o da leitura legítima e inovadora do CLG realizada por Hjelmslev.

No manuscrito “Notas para um artigo sobre Whitney” (Ms. fr. 3951/10), presente nos *Escritos de linguística geral*¹⁰ (doravante *ELG*), Saussure retoma a definição de linguagem de Whitney e esclarece em que, na sua concepção, a linguagem (e, com ela, a escrita) se diferencia das demais instituições humanas. Para exemplificar essa discussão, reproduzimos, abaixo, trechos tal como eles se apresentam nos *ELG*:

As outras instituições, com efeito, são todas baseadas (em graus diversos) sobre as relações NATURAIS das coisas [...] Mas a linguagem e a escritura não são BASEADAS numa relação natural das coisas. Não há relação alguma, em momento algum, entre um certo som sibilante e a forma da

¹⁰ Versão editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, em 2002. O manuscrito *Notas para um artigo sobre Whitney* está circunscrito na seção *Antigos documentos*. É importante ressaltar que os documentos presentes nessa seção correspondem a notas escritas pelo próprio Saussure.

letra S e, do mesmo modo, não é mais difícil à palavra *cow* do que à palavra *vacca* designar uma vaca. (ELG, p. 181)

E depois:

É o que Whitney jamais deixou de repetir para melhor fazer sentir que a linguagem é uma instituição pura. Só que isso prova muito mais, a saber, que a linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (*juntando-se a ela a escrita*), que seria verdadeiramente presunçoso acreditar que a história da linguagem deva se parecer, mesmo de longe, com a de uma outra instituição [...]. (ELG, p. 182, grifo nosso)

Como afirma Gambarara (2007), ao analisar essas passagens retiradas do manuscrito Ms. fr. 3951/10: “Ce sont des positions bien différentes du logocentrisme que Derrida (*De la Grammatologie*, 1967) attribue à Saussure, sur la base du chap. VI de l’Introduction du CLG” (p. 257). Parece, pois, haver espaço para a escrita ao lado da linguagem em Saussure. Não é casual o fato de o genebrino insistir nessa aproximação (da escrita à linguagem), fato este que ganha maior visibilidade quando o CLG e as fontes manuscritas são tomados em sua complementaridade.

A complementaridade das fontes saussurianas, no que se refere à inclusão da escrita ao lado dos fatos da linguagem, evidencia, ainda, a leitura legítima que Hjelmslev fez do CLG. Recordemos que o linguista dinamarquês, sem ter acesso às demais fontes saussurianas ou mesmo desconhecendo a discussão em torno de um “verdadeiro” Saussure, fez uma leitura possível do CLG e retirou dele as considerações teóricas para sua proposta algébrica da língua, que lhe possibilita desvencilhar-se da substância sonora, tomada como sendo naturalmente anterior às demais.

Hjelmslev, portanto, não é um tradutor do pensamento saussuriano. Seu “algebrismo” tem raízes nas noções saussurianas de forma e substância, mas como efeito. Um desses efeitos, talvez o mais significativo e que coloca Hjelmslev numa posição de destaque em relação aos seus contemporâneos, foi a proposta de um novo campo, lugar onde foi possível pensar a escrita fora do viés da representação. Nessa perspectiva, o argumento de Normand, mencionado no início deste trabalho, faz-se pertinente: é possível ler Saussure na edição de 1916. Para a autora, assim como para nós, o texto “Saussure” apresentado no CLG

[...] é, ainda, um texto de ideias, de reflexão absolutamente original sobre a linguagem, a especificidade do objeto-língua, as armadilhas da evidência e da trivialidade nas ciências humanas, e, como tal, sua leitura torna-se estimulante, mesmo para os linguistas. (NORMAND, 2009, p. 18-19)

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. Trad. de Mário Laranjeira e Alain Mouzat. São Paulo: Edusp, 1994.

BENVENISTE, E. “Estrutura’ em linguística”. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995[1962].

CAÑIZAL, E.; LOPES, E. Prefácio. In: HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1975].

CHISS, J.; PUECH C. La linguistique et la question de l’écriture: enjeux et débats autor de Saussure et des problématiques structurales. *Langue française*, Paris, n. 59, p. 5-24, 1983.

CRUZ, M. A filologia saussuriana: debates contemporâneos. *Alfa*. São Paulo, v. 53, n. 1, p. 107-126, 2009.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DUCROT, O. Glossemática. In: DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2001 [1972].

FIORIN, J. L. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia, Revista de Comunicação Semiótica Cultural*. São Paulo, n. 5, p. 19-52, abril 2003.

FIORIN, J.L., FLORES, V.N., BARBISAN, L.B. (Org.) *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

GAMBARARA, D. *Ordre graphique et ordre théorique: présentation de Ferdinand de Saussure, Ms. fr. 3951/10. Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève: Droz, v.60, p. 237-280, 2007.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1943].

_____. Uma introdução à linguística. In: HJELMSLEV, L. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1937].

HJELMSLEV, L. Análise estrutural da linguagem. In: HJELMSLEV, L. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1948].

_____. A estratificação da linguagem. In: HJELMSLEV, L. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1954].

JAKOBSON, R. Para a estrutura do fonema. In: JAKOBSON, R. *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1967 [1939].

_____. A fonologia em relação com a fonética. In: *Saussure, Jakobson, Hjelmslev, Chomsky: os pensadores*. Trad. de J. Mattoso Camara Jr. et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1957].

MORPURGO DAVIES, A. *History of linguistics: nineteenth-century linguistics (v. IV)*. New York: Routledge, 1998.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. Uma epistemologia da linguística. In: SILVEIRA, E. (Org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Trad. de Luiz M. Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983 [1967].

SALUM, I. Prefácio. In: SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1969].

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. de. *Escritos de lingüística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

TRABANT, J. Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne. *Langages*. Larousse/Paris, v. 3, n. 159, 2005.

Abstract

Course in general linguistics and its effects: the writing in Hjelmslev

The present work, of bibliographic nature, aims to discuss the effects of the publication of the Course in general linguistics (CGL) in 1916, notably the Saussurian notion of linguistic value, on the theorization of the Danish linguist Louis Trølle Hjelmslev (1937, 1943, 1948, 1954). The starting point for this return to the Hjelmslevian theorization is the discussion about the conception of oral representation by writing. Hjelmslev, by radicalizing the Saussurian assertion that language is a form and not a substance, argues for the non-existence of a first/natural substance, an argument that contradicts the idea that sound is the "natural bond" of language and, problematizes the elementary conception of oral representation by writing. We have seen from the discussion that Hjelmslev is not a translator of Saussurian ideas, instead he has made of the CGL a legitimate and innovative reading.

Keywords: Saussure. Hjelmslev. Representation. Writing.